




Problemas de externalização e internalização em pré-adolescentes e vinculação aos pais

Externalizing and internalizing problems in pre-adolescents and attachment to parents

Teresa Sousa-Machado  Carine Diogo
Universidade de Coimbra

Resumen

Os comportamentos de externalização e internalização na infância e na adolescência refletem um mal-estar do sujeito, que muitas vezes o próprio não sabe explicar, mas que se traduz noutras áreas da vida. A publicação recorrente das elevadas percentagens destes problemas, nestas idades, suscita a necessidade de estudos periódicos em amostras de comunidade, para que se possa sinalizar e intervir precocemente. A vinculação insegura aos pais é um dos fatores associado à emergência destes problemas. Apresentamos um estudo exploratório, com o Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ) e o Inventário de Vinculação a Pais e Pares (IPPA), das relações entre problemas de externalização, problemas de internalização e vinculação aos pais, reportados por pré-adolescentes portugueses, numa amostra de 258 sujeitos, 124 rapazes (48.1 %), e 134 raparigas (51.9 %), entre os 9 e 12 anos ($M = 10.34$; $DP = 0.88$). Estudou-se a relação entre a presença de problemas de comportamento reportados pelos pré-adolescentes e os mesmos problemas reportados pelos seus pais, tendo-se obtido correlações positivas e significativas entre ambas as avaliações. Maior segurança na vinculação aos pais (i.e., maiores valores nas dimensões “Aceitação mútua-compreensão”, “Comunicação-proximidade afetiva” e menores no “Afastamento-rejeição”) correlaciona negativamente com os problemas de comportamento reportados pelos próprios, reforçando a importância da segurança das relações de vinculação aos pais na manutenção de comportamentos mais adaptados nos adolescentes.

Palavras-chave: vinculação aos pais, problemas de externalização, problemas de internalização, pré-adolescentes

Abstract

The externalization and internalization behaviours in childhood and adolescence reflect a malaise of the subject, which often, he, or she, does not know to explain, but which translates to other areas of life. The recurrent publication of the high percentages of these problems, at those ages, raises the need for periodic studies in community samples, to be able to signal and intervene early. Insecure attachment to parents is one of the factors associated with the emergence of these problems. We present an exploratory study, with the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) and the Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA), of the relationships between externalized and internalized problems, and attachment to parents, reported by Portuguese pre-adolescents – 258 subjects, 244 (48.1 %) boys, and 134 (51.9 %) girls, among 9 to 12 years old ($M = 10.34$; $SD = 0.88$). The relationship between behaviour problems reported by pre-adolescents, and behaviour problems reported by parents correlate positively. Secure attachment to parents (higher scores at attachment dimensions

“Acceptance-mutual-understanding”, and “Communication-emotional proximity”, and lower scores at “Alienation”) correlate negatively with problem behaviours reported by tweens, reinforcing the role of secure attachment to parents to more adequate adolescents’ behaviours.

Keywords: attachment to parents, externalized behaviours, internalizing behaviours, pre-adolescents

Desde as observações de Bowlby, em 1928-29, numa escola residencial para crianças e jovens com problemas de comportamento – a *Priory Gate School* – que se sugere a ideia do efeito nefasto da ausência de uma relação significativa segura e estável com um cuidador, efeito com repercussões desenvolvimentais de longo alcance (Van Dijken, Van der Veer, van Ijzendoorn, & Kuipers, 1998). Na mesma linha, muitos anos depois, Peter Muris (2006), referir-se-á à investigação sobre a grande percentagem de desordens psicológicas em crianças e adolescentes como a busca do *Santo Graal*. A afirmação justifica-se considerando que a infância e a adolescência são idades de início da maioria das desordens psicológicas, e que muitas das perturbações em adultos tiveram, de facto, início anos mais cedo (Gustafsson, Gustafsson, & Proczkowska-Bjorklund, 2016; Muris, 2006; Rutter, Kim-Cohen, & Maughan, 2006).

Estudos de psicologia e psicopatologia do desenvolvimento mostram como a conjugação entre mecanismos causais biológicos e mecanismos do meio explicam continuidades e descontinuidades nas perturbações de comportamento em crianças e adolescentes (Rutter, 2010; Rutter, Kim-Cohen & Maughan, 2006; Sameroff, 2014); sendo comum a ambas as perspectivas a ideia de que “(...) os modelos de desenvolvimento são aplicáveis quer ao desenvolvimento normal quer ao desenvolvimento anormal” (Lewis, 2000, p. 4). Considerando o desenvolvimento como um processo cumulativo, as formas posteriores construídas a partir das anteriores e transformadas ao longo do tempo e resultando de três determinantes (os genes, o ambiente, e o desenvolvimento anterior), justifica-se o estudo recorrente das relações entre manifestações comportamentais desajustadas na adolescência e relações com os cuidadores (Farrington, 2011; Rutter, 2002; Sameroff, 2010; 2014; Sroufe, 2009). Sucessivas coortes têm, de facto, mostrado o impacto negativo do desinteresse parental na manutenção do equilíbrio mental dos jovens (de Vries, Hovee, et al., 2016; Muris, 2006; Santos, Queirós, Barreto & Santos, 2016). Quer as variáveis familiares, como o ambiente alargado, o bairro e o contexto escolar são variáveis significativas para a qualidade das trajetórias desenvolvimentais dos jovens, como mostra, por exemplo, o estudo longitudinal de Flouri e Sarmadi (2016), com uma amostra de 9,850 famílias inglesas, na qual o efeito da vizinhança (i.e., bairros desfavorecidos, e escolas com baixos desempenhos), se repercute significativamente em baixos índices de comportamento pró-social e em problemas de internalização e de externalização,

exacerbados pelos contextos sociais de elevado risco. Quanto à família, diversos estudos periodicamente reforçam a tese de que stressores familiares como a indisciplina, características da criança e vinculações inseguras explicam o desenvolvimento de problemas de externalização e de internalização (Nunes, Faraco, Vieira, & Rubin, 2013). Em síntese, o desenvolvimento envolve sempre a dialética entre as características das crianças, fatores do meio e características relacionais parentais (van Anken, van Hoek & Vergeer, 2013). No caso da qualidade da vinculação, o seu efeito expressa-se particularmente no significado que as crianças atribuem ao papel do ambiente familiar e cuidados parentais, levando à construção de representações de sentimentos de confiança, segurança, ou pelo contrário, de alienação para com os pais; originando modelos operantes internos das relações e do *self* (Machado, 2004; Muris & Maas, 2004; McEwen & Flouri, 2009; Tambelli, Laghi, Odorisio, & Notari, 2012).

Para Sroufe (2005), um dos maiores desafios na infância é a construção de relações seguras com os pais. As diferenças na qualidade destas relações resultam da história das interações, com base na história atual da (in)segurança e (des)confiança prestada pelos cuidadores (Schechter & Willheim, 2009). Variações nessa qualidade explicam diferenças individuais, de personalidade, e no comportamento, mostrando os dados empíricos que cerca de 38 % das crianças de amostras da população geral apresentam vinculações inseguras, o que constituiu um sério fator de risco (Wissink, Collesoni, Stams, Hovee, Asscher, Nboom, et al., 2015). As desordens psicológicas em crianças e adolescentes são documentadas periodicamente, em amostras de comunidade (Goodman, Ford, Simmons, Gatward, & Meltzer, 2000), sendo os fatores familiares os maiores preditores dos problemas de comportamento exteriorizado (nomeadamente, os antissociais) (Farrington, 2011). O estudo de Muris, Meesters e van den Berg (2003), com uma amostra da comunidade de 742 adolescentes (entre os 12 e 18 anos), reforça a relação entre os padrões de vinculação de evitamento e ambivalente (reportado pelos próprios), e maiores índices de sintomas de externalização e de internalização. Na mesma linha, numa amostra italiana de 816 adolescentes de comunidade (entre os 11 e 18 anos), os problemas de internalização reportados são explicados pelas correlações positivas entre sentimentos de alienação aos pais, e menor confiança com os pais (avaliados com o *Inventário de Vinculação a Pais e Pares - IPPA*); e os problemas de externalização, são explicados, fundamentalmente, pela vinculação aos pais (Tambelli,

Laghi, Odorisio, & Notari, 2012). Em 702 pré-adolescentes iranianos, a segurança na vinculação (avaliada, também, com o IPPA) associa-se a menores problemas de externalização e de internalização (medidos pelo CBCL) (Razavi, Fatehizade, Etemadi, Abedi, Bahrami, & Sarami, 2013). Os fatores de risco ligados ao meio incluem estilos parentais inadequados e vinculações inseguras (Moffitt & Caspi, 2000), vinculações cuja qualidade tende a perpetuar-se noutras relações, particularmente se o ambiente se mantém constante (McConnell & Moss, 2011; MiKulincer & Shaver, 2007).

A atualização dos estudos sobre as repercussões da vinculação aos pais nos problemas de comportamento justifica-se face às constantes mutações nas dinâmicas sociais e familiares (e.g., a instabilidade profissional e/ou desemprego atual em Portugal, inclusive em áreas que se julgariam protegidas) que conduzem a alterações nos fatores de risco, e nos “motivos” e “formas” de exteriorizar e/ou internalizar os problemas (McConnel & Moss, 2011). A promoção do desenvolvimento ótimo das crianças, por seu turno, tem um propósito lato e de longo alcance, com preocupações sociais abrangentes (Sameroff, 2010), pelo que o despiste e intervenção antes da consolidação dos problemas são desejáveis. Na pré-adolescência, a maior (e necessária) autonomia dos jovens propicia mais riscos, particularmente aos mais frágeis, e não obstante a relativização da ideia – popularizada nos anos 1990 com adolescentes americanos de classe média (Arnett, 1999) – de que o início da adolescência represente o período de “storm & stress”, o facto é que a emergência do desenvolvimento do raciocínio hipotético-dedutivo, permitindo refutar anteriores juízos ou crenças, abalando certezas, juntamente com a maior probabilidade de vivenciar fracassos (escolares, de aspiração de carreira, divórcio dos pais, perda de amigos, ...), pode causar, ou despoletar novas vulnerabilidades (Code, Bernes, Gunn, & Bardick., 2006; Lianos, 2015; Pehrsson, Allen, Folger, McMillen, & Lowe, 2007). Tanto mais que, nestas idades, as hipóteses imaginadas estão, por vezes, ainda imbuídas de fantasias (e.g., de reconciliação entre pais, entre amigos, medalhas no desporto), que sendo frustradas, podem manifestar-se em problemas de comportamento (McCarty, 2008). Estudos na infância e adolescência mostram o efeito cumulativo de variadas interações e transações entre sistemas (e.g., parentais, escolares, de geração) e domínios da vida (e.g., académicos, amorosos, profissionais) que se influenciam mutuamente, num efeito de “bola de neve”, ampliando fragilidades dos sujeitos, quando não se intervém na manifestação precoce dos problemas de comportamento ou emocionais (Masten & Cicchetti, 2010). Por exemplo, no momento da entrada na escola, problemas de comportamento, fracasso escolar, rejeição pelos pares, são, por vezes, ignorados ou minimizados por cuidadores, instalando-se num ciclo vicioso (Blandon, Calkins, Grimm, Keane, & O’Brien, 2010; Dishion & Mauricio, 2016; Masten & Cicchetti, 2010). Pelos 9-12 anos, as crianças

tendem a ver o mundo ainda predominantemente em termos de “extremos”, como “certo ou errado”, o que favorece o envolvimento em atitudes mais desajustadas. Sendo Portugal “um dos países com maior carga horária global, no que toca à totalidade das disciplinas, na escolaridade obrigatória: 11.049 horas” (Festas, Seixas, Matos & Fernandes, 2014), os pré-adolescentes portugueses passam, de facto, a maior parte do seu dia fora de casa – muitas vezes sem supervisão ou acompanhamento adequado de adultos significativos, podendo este ser um fator de vulnerabilidade para a emergência de problemas de comportamento.

Farrington e Welsh, referem um slogan (a dada altura na moda) que dizia: “You can pay me now, or you can pay me later”, metaforicamente, queriam alertar para a ideia, consensual na literatura desenvolvimental, da importância da consideração dos fatores de risco precoces, e embora os 9-12 anos não sejam as idades “mais precoces” de sinalização de problemas (por confronto com birras extremas na infância) (Moffitt & Caspi, 2000; Santos, Queirós, Barreto, & Santos, 2015), são todavia idades em que se pode pedir aos próprios para reportarem problemas de comportamento e/ou de sintomas emocionais (McEwen & Flouri, 2009; Muris & Maas, 2004); problemas de que outros, como os cuidadores, ou professores, podem não se aperceber. O despiste destes problemas é essencial pois sabe-se que a sua prevalência nos anos escolares e início da adolescência é elevada, embora não sinalizada, uma vez que a maioria destes sujeitos não recorre a serviços de saúde mental (Giannakopoulos, Dimitrakaki, Papadopoulou, Tzavara, Kolaitis, Ravens-Sieberer, & Tountas, 2013). Os padrões consistentes dos comportamentos das crianças e jovens são um resultado desenvolvimental, e preditor seguro do ajustamento ulterior, como mostra, também, o *National Longitudinal Survey of Youth* (Guttmanova, Szanyi, & Cali, 2008), numa amostra de 1,099 crianças de diferentes etnias; observando-se que os problemas de externalização se repercutem em dificuldades nas relações interpessoais, violação das regras, irritabilidade e beligerância; e os de internalização no retraimento social, procura de atenção (tornando-se vítimas fáceis de abusadores), sentimentos de inferioridade e dependência (Guttmanova, Szanyi, & Cali, 2008). A co-morbilidade entre problemas de externalização e internalização é comum (Liu, 2004), e o clima familiar acrescenta um efeito significativo na variância das manifestações desses problemas (Mitchell & Hauser-Cram, 2009). Justifica-se assim a atualização periódica de estudos sobre as relações entre variáveis familiares como a vinculação, e os problemas de comportamento reportados por crianças e adolescentes de amostras de comunidade.

Um dos instrumentos mais usados para despistagem, por auto e heteroavaliação, de problemas de comportamento exteriorizado, interiorizado e sintomas emocionais é provavelmente (a par, talvez, com as escalas de Achenbach, que são algo extensas), o *Strengths and Difficulties*

Questionnaire (SQD), de Goodman (1997), tendo sido validado numa série de países da Europa, como Portugal e Espanha, e ainda o Canadá, Austrália, Brasil, Japão, entre outros (Rodríguez-Hernández, Betancort, Ramírez-Santana, García, Sanz-Álvarez, & Cuevas-Castresana, 2012; Becker, Woerner, Hasselhorn, Banaschewski, & Rothenberger, 2004; Koskelainen, Sourander, & Kaljonen, 2000; Marzocchi, Capron, Di Pietro, Tauleria, Duyme, Frigerio, et al., 2004; Meer, Dixon, & Rose, 2008; Moriwaki & Kamio, 2014; Woerner, Fleitlich-Bilyk, Martinussen, Fletcher, Cucchiari, Dalgalarondo, et al., 2004). Os estudos citados referem, todos eles, as boas qualidades psicométricas do instrumento, e confirmam a estrutura em cinco dimensões, (embora alguns autores sugiram o recurso ao total do SDQ, quando respondido por adolescentes, em vez dos scores por dimensões) (Richter, Sagatun, Heyerdahl, Oppedal, & Røysamb, 2011). O SDQ tem a vantagem adicional de poder ser respondido pelo próprio, pelos Pais e por Professores, e apresentar boas correlações com outros instrumentos de avaliação de problemas de comportamento, nomeadamente, o *Child Behavior Checklist* (CBCL), o *Teacher Report Form* (TRF) (Becker, Woerner, Hasselhorn, Banaschewski, & Rothenberger, 2004; Koskelaine, et al., 2000; Moriwaki & Kamio, 2014), o *Youth Self Report* (YSR), o *Disruptive Behavior Disorders* (DBD) (Björnsdotter, Enebrink, & Ghaderi, 2013), e ainda com indicadores de qualidade de vida como o *Kidscreen* (Giannakopoulos, et al., 2013).

Tendo em conta os estudos revistos, decidiu-se avaliar neste trabalho as relações entre problemas de comportamento e a vinculação aos pais, escolhendo o período entre os 9 e 12 anos pelas possibilidades cognitivas e autonomia para responderem aos questionários de vinculação (IPPA-R) e de problemas de comportamento (SDQ). Adicionalmente, pediu-se aos pais para responderem ao SDQ, para analisar a concordância relativa entre a percepção de problemas de comportamento reportados pelos adolescentes e os reportados pelos seus pais, com o intuito de avaliar até que ponto os pais estão cientes dos problemas que os pré-adolescentes manifestam.

Método

Participantes

A amostra foi constituída por 258 estudantes – 124 do sexo masculino (48.1 %), e 134 do sexo feminino (51.9 %), com idades entre os 9 e 12 anos ($M = 10.34$; $DP = 0.88$), sendo que 24.4 % frequentava o 4º ano de escolaridade, 45.0 % o 5º ano, e 30.6 % o 6º ano, todos eles do ensino público, da região centro de Portugal (distrito de Castelo Branco). Não foram incluídos alunos com necessidades educativas especiais.

Instrumentos

As medidas usadas incluíam variáveis demográficas (sexo, idade, ano de escolaridade, e indicação da figura

parental de referência usada para responder ao questionário de vinculação, i.e., Mãe, Pai, Ambos, Outro); o *Inventário de Vinculação a Pais e Pares – IPPA-R* (Armsden & Greenberg, 1987; Gullone & Robinson, 2005); e o *Questionário de Capacidades e Dificuldades* (SDQ-Por) (Goodman, 1997, tradução portuguesa de Fonseca, Loureiro, Gaspar, & Fleitlich, in, <http://www.sdqinfo.com>).

O Inventário de Vinculação aos Pais – IPPA-R (Gullone & Robinson, 2005), é um questionário de auto-relato, construído a partir da versão original de Armsden e Greenberg (1987), e avalia a percepção de dimensões afectivo-cognitivas da relação com as figuras parentais, numa escala tipo Likert de 5 pontos. A versão de Gullone e Robinson retoma, simplificando, as frases da anterior versão dos autores, e reduz para 25 itens, os anteriores 28; inúmeras publicações com o IPPA-R dão conta das suas boas qualidades psicométricas. Na versão portuguesa as dimensões originais (confiança, alienação e comunicação), surgem com as designações de “comunicação e proximidade afectiva”, aceitação mútua e compreensão” e “afastamento-rejeição” (Machado & Figueiredo, 2010).

O Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-Goodman, 1997), composto por 25 questões, distribuídas por 5 subescalas – “sintomas emocionais”, “problemas de comportamento”, “hiperactividade”, “problemas de relacionamento com os pares”, e “comportamento pró-social” – é um instrumento com versões de auto e herero-relato destinado a crianças e jovens entre os 4-16 anos, pais e professores, com cotação de 3 pontos (0 = “não é verdade”; 1 = “é um pouco verdade”; 2 = “é muito verdade”) (o score de cada dimensão é obtido pela soma dos 5 itens correspondentes, havendo cinco itens com cotação invertida). A pontuação total das “Dificuldades” resulta da soma dos totais “sintomas emocionais”, “problemas de comportamento”, “hiperatividade” e “problemas de relacionamento com os pares”, variando entre 0-40 pontos (Goodman, 1997; Goodman et al., 1998); a subescala de comportamentos pró-sociais não foi usada neste trabalho.

De acordo com Goodman e colaboradores (2010), podem considerar-se duas dimensões mais globais no SDQ: a) “Problemas de internalização”, constituída pelas duas dimensões “sintomas emocionais” e “problemas de relação com os pares”; e b) “Problemas de externalização” constituída pela agregação das duas dimensões “problemas de comportamento” e “hiperatividade”.

Procedimentos

Após recebida a autorização dos estabelecimentos de ensino e dos encarregados de educação, foram seleccionadas 18 turmas de 4º, 5º, e 6º ano de diversas escolas do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares. Os questionários foram aplicados coletivamente, por turma, sob supervisão do professor responsável. O preenchimento das escalas demorou, em média, 15 minutos. O tratamento dos dados foi feito com o IBM SPSS (v. 20).

Resultados

A estrutura fatorial do IPPA-R foi avaliada pela Análise Fatorial Exploratória sobre a matriz de correlações, com análise dos componentes principais (ACP), com rotação Varimax, confirmando-se a anterior estrutura fatorial de três factores pedidos; o teste de esfericidade de Bartlett apresenta valor <0.001 ; e o teste de KMO = $.882$ ($p < .05$). Globalmente, a solução factorial explica 45.52 % da variância dos dados; com o primeiro fator apresentando pesos fatoriais mais elevados, entre $.47$ e $.74$, explicando 23.06 % da variância, o segundo fator explicando 11.55 % da variância, e o terceiro fator 10.92 % da variância dos dados. A análise da consistência interna (total e dimensões) revelou valores baixos para as dimensões *Aceitação mútua e compreensão* ($\alpha = .37$), e *Afastamento e rejeição* ($\alpha = .53$), valores que poderão ser explicados pelo reduzido número de itens (6 e 7, respetivamente), comparativamente com os 12 itens da *Comunicação e proximidade afectiva* ($\alpha = .90$); não obstante os dois valores de alfa reduzidos, a fidelidade total ($\alpha = .86$), não é colocada em causa.

Analisando a fidelidade do SDQ em ambas as versões, respondido pelos *próprios* (i.e. pré-adolescentes) e respondido pelos pais, os valores de consistência interna som os da Tabela 1.

Tabela 1.
Valores de consistência interna (coeficiente α), por dimensões

	Próprio	Pais
Sintomas emocionais	.58	.68
Problemas de comportamento	.50	.54
Hiperatividade	.73	.77
Problemas de relacionamento com colegas	.53	.59
Problemas de internalização	.62	.75
Problemas de internalização	.76	.79

Analisadas as correlações entre as dimensões em ambos os instrumentos, os valores vão no sentido esperado – i.e., no caso do IPPA-R, correlações significativas positivas entre *Comunicação-proximidade afectiva* (C-PA) e *Aceitação mútua e compreensão* (AMC), e negativas entre *Afastamento rejeição* (AR) e *Comunicação-proximidade afectiva* e *Aceitação mútua-compreensão* e o total IPPA-R; o Total IPPA-R também correlaciona negativamente com *Aceitação mútua e compreensão* (Tabela 2).

Tabela 2.
Correlação entre subescalas e o total do IPPA-R (próprio)

	AMC	AR
Comunicação-proximidade afectiva	.571*	-.460*
Aceitação mútua e compreensão (AMC)		-.412*
Afastamento rejeição (AR)		
Total IPPA	-.687*	-.774*

* $p < .01$

Relativamente ao SDQ (versões próprio e versão Pais) as dimensões correlacionam todas elas de modo positivo e significativo entre si (significância de $p < .01$) – mostrando a validade de constructo relativa aos diferentes problemas de comportamento operacionalizados nas dimensões analisadas (Tabela 3).

Tabela 3.
Correlação entre subescalas do SDQ (próprio e pais)

	Subescalas				
	PC	H	PRC	PI	PE
Próprio					
Sintomas emocionais	.255*	.226*	.262*	.826*	.271*
Problemas de comportamento		.533*	.329*	.366*	.814*
Hiperactividade			.258*	.304*	.925*
Problemas de relacionamento com colegas				.760*	.728*
Problemas de internalização					.377*
Pais					
Sintomas emocionais	.316*	.175*	.483*	.903*	.258*
Problemas de comportamento		.572*	.433*	.422*	.817*
Hiperactividade			.309*	.270*	.940*
Problemas de relacionamento com colegas				.812*	.409*
Problemas de internalização					.377*

* $p < .01$

Efetou-se uma análise co coeficiente *r* de Pearson, para examinar o modo como a percepção de vinculação (mais) segura (i.e. valores superiores no IPPA-R total) se relaciona com os problemas interiorizados e exteriorizados reportados pelos pré-adolescentes (Tabela 4.).

Os resultados mostram que a percepção de uma vinculação mais segura aos pais – i.e., valores superiores simultaneamente nas dimensões “*Aceitação mútua-compreensão*”, e *Comunicação-proximidade afectiva*, e resultados inferiores na dimensão *Afastamento-rejeição*, se correlacionam negativa e significativamente com os problemas de comportamento reportados pelos pré-adolescentes.

Efetuarão-se análises de correlação entre a qualidade da vinculação aos pais –particularizando agora as suas dimensões– e os problemas de comportamento reportados pelos pré-adolescentes (Tabela 4).

As dimensões da vinculação aos pais, *Comunicação-proximidade afectiva* e *Aceitação mútua-compreensão* correlacionam-se negativa e significativamente com os *Problemas de Internalização* e com os *Problemas Externalização* (SDQ-próprio). A dimensão *Afastamento-Rejeição* correlaciona-se positiva e significativamente com os problemas de comportamento reportados pelos pré-adolescentes (SDQ-próprio).

Tabela 4.
Correlação entre IPPA-R, Problemas de Comportamento e SDQ (versão próprio)

IPPA-R	PI	PE	SDQ
Total IPPA-R	-.316*	-.485*	-.494*
Comunicação e Proximidade Afetiva	-.269*	-.447*	
Aceitação Mútua e Compreensão	-.244*	-.414*	
Afastamento e Rejeição	.259*	.329*	

Nota: PI = Problemas Internalização, PE = Problemas Externalização

* $p < 0.01$

Exploraram-se ainda as relações entre a percepção de problemas de comportamento reportados pelos pré-adolescentes e os reportados pelos pais (Tabela 5).

Tabela 5.
Correlações entre as relações sobre percepção de problemas de comportamento reportados pelas crianças e a percepção de problemas de comportamento reportados pelos pais.

SDQ (próprio)		SDQ (versão Pais)				
		SE	PC	H.	PRC.	TD
SDQ (próprio)	Sintomas emocionais	.382*	.172*	.199*	.22*	.326*
	Problemas de comportamento	.095	.390*	.325*	.207*	.334*
	Hiperatividade	.091	.345*	.539*	.171*	.412*
	Problemas de relacionamento com colegas	.257*	.243*	.170*	.445*	.351*
	Total Dificuldades.	.299*	.406*	.458*	.349*	.516*

* $p < .01$

Discussão

Os modelos da etiologia dos problemas de comportamento em crianças e adolescentes apontam para a pluralidade de fatores de vulnerabilidade e de risco, sendo a vinculação insegura um dos fatores que mais tem sobressaído na investigação (Roelofs, Onckels, & Muris, 2013). Como sugere a literatura, sentimentos de alienação (isolamento) relativamente aos pais são mediadores de alienação aos pares (na adolescência), e de problemas emocionais. A falta de confiança nos pais relaciona-se com problemas de comportamento e falta de confiança nos pares, sendo preditor independente dos problemas de comportamento (Roelofs, Onckels, & Muris, 2013). A responsividade dos cuidadores, a confiança e comunicação constituem recursos importantes para promover a exploração segura de novos contextos sociais e regular de forma adaptativa os comportamentos, particularmente em momentos de stresse (Duchesne & Larose 2007; Farrington, 2011; Galambos, Barker, & Almeida, 2003; Machado & Fonseca, 2009; Muris, 2006).

As respostas dos pré-adolescentes da nossa amostra reforçam a relação positiva que se encontra (na literatura da especialidade) entre os problemas de externalização e de internalização reportados, e a menor confiança, menor comunicação, e maior isolamento relativamente aos pais. A “passagem” para a adolescência envolve –pelas transformações físicas, hormonais, cognitivas, e

Os dados da Tabela 5 mostram que, na sua grande maioria, a percepção dos pais em relação aos problemas de comportamento se correlaciona positiva e significativamente com a percepção dos pré-adolescentes. Apenas as subescalas “Problemas de comportamento” e “Hiperatividade” percebidos pelo próprio, não correlacionam com a percepção de “Sintomas emocionais”, reportados pelos Pais.

Relativamente às diferenças de problemas de comportamento reportados por raparigas e rapazes, o *Teste t* não mostra diferenças para os problemas de internalização (rapazes: $M = 4.52$; $DP = 2.96$; raparigas: $M = 4.71$; $DP = 2.92$); mas encontra diferenças significativas para os problemas de externalização reportados (rapazes: $M = 5.59$; $DP = 3.24$; raparigas: $M = 4.56$; $DP = 3.43$; com $p = .015$).

progressiva autonomização– uma “janela de oportunidades e de riscos para o desenvolvimento” (Moretti & Peled, 2004). A amplitude na qual estas transformações emergem, consoante os jovens, fragilizará alguns, pelo confronto das marcadas diferenças no desenvolvimento interindividual, e pelo diferencial apoio que podem ter de figuras “responsáveis” de referência. Admitindo que são verdadeiras as estimativas de que se verifica uma quebra, entre o final da infância e meio da adolescência, da ordem dos 21 % (35 % a 14 %) nas horas de vigília partilhadas com a família (Moretti & Peled, 2004), tal não põe em causa o papel dos cuidadores, muito particularmente pela influência exercida pela representação mental construída acerca dos pais, enquanto figuras de recurso (in)questionáveis, i.e., enquanto figuras de vinculação segura. A característica distintiva da vinculação é a sua função de “regulação da segurança”; sendo os modelos internos do *self* e dos *outros* construídos com base em experiências reais que “sugerem” se se pode antecipar que a “angústia” (i.e., o mal-estar) tem resolução, tal como terá acontecido em experiências anteriores (com *bons* cuidadores); experiências que sugerem a possibilidade de resolução; ou seja, possibilidade de regulação adaptativa das emoções (Zimmermann, 2004). Por contraposição, se pensarmos nas representações inseguras de relações significativas (i.e., vinculações inseguras), elas mostraram ao sujeito que a “angústia” não tem solução adaptativa (pelo contrário, promove agressão, rejeição,

incompreensão, abandono, ou desorganização nos casos mais extremos) (Aikins, Howes, & Hamilton, 2009. As relações, no presente estudo, entre a qualidade da vinculação aos pais e os problemas de externalização e de internalização reportados traduzem essa relação, expressa nas correlações negativas significativas entre as dimensões da vinculação, “Comunicação-proximidade afetiva” e “Aceitação mútua-compreensão” com os Pais, e problemas de comportamento reportados pelos pré-adolescentes. Como refere Strecht, sobre os percursos desenvolvimentais de crianças e jovens, “os problemas surgem não por falhas ocasionais, mas por padrões de relação sistematicamente marcados pela ausência ou presença perturbadora” (2012, p. 5). Destacamos, por fim, a sintonia (relativa), entre Pais e pré-adolescentes, quanto aos problemas de comportamento manifestados pelos pré-adolescentes da presente amostra.

Referências

- Aikins, J. W., Howes, C., & Hamilton, C. (2009). Attachment stability and the emergence of unresolved representations during adolescence. *Attachment and Human Development, 11*(5), 491-512. <https://doi.org/10.1080/14616730903017019>
- Aken, F. D., van Hoek, S., Michorius, E., & Vergeer, N. A. A. (2013). Relationship between parenting practices and problem behavior in 11 and 12 year old boys and girls. *Social Cosmos, 4*(2), 97-110. <http://persistent-identifier.nl/?identificator=URN:NBN:NL:UI:10-1-114578>
- Appleyard, K., Egeland, B., van Dulmen, M. H. M., & Sroufe, L. A. (2005). When more is not better: the role of cumulative risk in child behavior outcomes. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 46*(3), 235-245. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2004.00351.x>
- Armsden, G., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Relationships to well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 16*(5), 427-454. <https://doi.org/10.1007/BF02202939>
- Arnett, J. J. (1999). Adolescent storm and stress, reconsidered. *American Psychologist, 54*(5), 317-326.
- Becker, A., Woerner, W., Hasselhorn, M., Banaschewski, T., & Rothenberger, A. (2004). Validation of the parent and teacher SDQ in a clinical sample. *European Child & Adolescent Psychiatry, 13-II/11-II/16*. <https://doi.org/10.1007/s00787-004-2003-5>
- Blandon, A., Calkins, S., Grimm, K., Keane, S., & O'Brien, M. (2010). Testing a developmental cascade model of emotional and social competence and early peer acceptance. *Development and Psychopathology, 22*(4), 734-748. <https://doi.org/doi:10.1017/S0954579410000428>
- Björnsdotter, A., Enebrink, P., & Ghaderi, A. (2013). Psychometric properties of online administered parental strengths and difficulties questionnaire (SDQ), and normative data based on combined online and paper-and-pencil administration. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health, 7*(40), 1-9. <https://doi.org/10.1186/1753-2000-7-40>
- Code, M. N., Bernes, K. B., Gunn, T. M., & Bardick, A. D. (2006). Adolescents' perceptions of career concern: Student discouragement in career development. *Canadian Journal of Counselling, 40*(3), 160-174. <http://cjc-rcc.ucalgary.ca/cjc/index.php/rcc/article/view/298>
- De Vries, S. L. A., Hoeve, M., Stams, G. J. J. M., & Asscher, J. J. (2016). Adolescent-parent attachment and externalizing behavior: The mediating role of individual and social factors. *Journal of Abnormal Child Psychology, 44*, 283-294. <http://doi.org/10.1007/s10802-015-9999-5>
- Dishion, T. J., & Mauricio, A. M. (2016). The family check-up model as prevention and treatment of adolescent drug (ab)use. The intervention strategy, outcomes, and implementation model. In M. J. Van Ryzin, K. L. Kumpfer, G. M. Fosco., & M. T. Greenberg (Eds.), *Family-based prevention programs for children and adolescents. Theory, research, and large-scale dissemination*. New York: Psychology Press.
- Duchesne, S., & Larose, S. (2007). Adolescent parental attachment and academic motivation and performance in early adolescence. *Journal of Applied Social Psychology, 37*(7), 1501-1521. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2007.00224.x>
- Farrington, D. P. (2011). Family influences on delinquency. In D. W. Springer & A. R. Roberts (Eds.), *Juvenile justice and delinquency* (chap.10). Boston: Jones and Bartlett Publishers.
- Festas, M. I., Seixas, A. M., Matos, A., & Fernandes, P. (2014). *Estudo comparativo da carga horária em Portugal e noutros países*. Lisboa: Fundação Manuel dos Santos.
- Flouri, E., & Sarmadi, Z. (2016). Prosocial behavior and childhood trajectories of internalizing and externalizing problems: The role of neighborhood and school contexts. *Developmental Psychology, 52*(2), 253-258. <https://doi.org/10.1037/dev0000076>
- Galambos, N. L., Barker, E. T., & Almeida, D. M. (2003). Parents do matter: Trajectories of change in externalizing and internalizing problems in early adolescence. *Child Development, 74*(2), 578-594. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.7402017>
- Giannakopoulos, G., Dimitrakaki, C., Papadopoulou, H., Tzavara, C., Kolaitis, G., Ravens-Sieberer, U., & Tountas, Y. (2013). Reliability and validity of the Strengths and Difficulties Questionnaire in Greek adolescents and their parents. *Health, 5*(11), 1774-1783. <https://doi.org/10.4236/health.2003.511239>
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A research note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 38*(5), 581-586. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x> (Tradução portuguesa de Fonseca, Loureiro, Gaspar, & Fleitlich, in, <http://www.sdqinfo.com>).
- Goodman, R., Meltzer, H., & Bailey, V. (1998). The

- Strengths and Difficulties Questionnaire: A pilot study on the validity of the self-report version. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 7(3), 125-130. <https://doi.org/10.1007/s007870050057>
- Goodman, R., Ford, T., Simmons, H., Gatward, R., & Meltzer, H. (2000). Using the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) to screen for child psychiatric disorders. *British Journal of Psychiatry*, 177, 534-539. <https://doi.org/10.1192/bjp.177.6.534>
- Goodman, A., Lamping, D. L., & Ploubidis, G. B. (2010). When to use broader internalizing and externalizing subscales instead of the hypothesized five subscales on the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ): data from British parents, teachers and children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 38, 1179-1191. <https://doi.org/10.1007/s10802-010-9434-x>
- Gullone, E., & Robinson, K. (2005). The Inventory of Parent and Peer Attachment-Revised (IPPA-R) for children: A psychometric investigation. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 12, 67-79. <https://doi.org/10.1002/cpp.433>
- Gustafsson, B. M., Gustafsson, P. A., & Proczkowska-Björklund, M. (2016). The Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) for preschool children- a Swedish validation. *Nordic Journal of Psychiatry*, 70(8), 567-574. <https://doi.org/10.1080/08039488.2016.1184309>
- Guttmanova, K., Szanyi, J. M., & Cali, P. W. (2008). Internalizing and externalizing behavior problem scores. Cross-ethnic and longitudinal measurement invariance of the behavior problem index. *Educational and Psychological Measurement*, 68(4), 676-694. <https://doi.org/10.1177/0013164407310127>
- Koskelainen, M., Sourander, A., & Kaljonen, A. (2000). The Strengths and Difficulties Questionnaire among Finnish school-aged children and adolescents. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 9, 277-284. <https://doi.org/10.1007/s007870070031>
- Lewis, M. (2000). Toward a development of psychopathology. Models, definitions, and prediction. In A. J. Sameroff, M. Lewis, & S. M. Miller (Eds.), *Handbook of developmental psychopathology* (2th ed.). New York: Springer.
- Lianos, P. G. (2015). Parenting and social competence in school: The role of preadolescents' personality traits. *Journal of Adolescence*, 41, 109-110. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2015.03.006>
- Liu, J. (2004). Childhood externalizing behavior: Theory and implications. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 17(3), 93-103. <https://doi.org/10.1111/j.1744-6171.2004.tb00003.x>
- Lyons-Ruth, K. (1996). Attachment relationships among children with aggressive behavior problems: The role of disorganized early attachment patterns. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64(1), 64-73. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.64.1.64>
- Machado, T. S. (2004). Vinculação e comportamentos anti-sociais. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime. Da infância à idade adulta* (pp.291-321). Coimbra: Almedina.
- Machado, T. S., & Figueiredo, T. (2010). Vinculação a Pais, Pares e professores - estudos com o IPPA-R para crianças do ensino básico. *Psychologica*, 53, 27-45. <http://iduc.uc.pt/index.php/psychologica/article/view/1078>
- Machado, T. S., & Fonseca, A. C. (2009). Desenvolvimento adaptativo em jovens portugueses: Será significativa a relação com os pais? *INFAD-International Journal of Development and Educational Psychology*, 1(3), 461-468. http://infad.eu/RevistaINFAD/2009/n1/volumen3/INFAD_010321_461-468.pdf
- Machado, T. S., Fonseca, A. C., & Queiroz, E. (2008). Vinculação aos pais e problemas de internalização em adolescentes - dados de um estudo longitudinal. *INFAD-International Journal of Development and Educational Psychology*, 1, 321-332. http://infad.eu/RevistaINFAD/2008/n1/volumen3/INFAD_010320_321-332.pdf
- Marzocchi, G. M., Capron, C., Di Pietro, M., Tauleria, E. D., Duyme, M., Frigerio, A., et al., (2004). The use of the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) in South European countries. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 13(Suppl.2), 40-46. <https://doi.org/10.1007/s00787-004-2007-1>
- McCarty, C. A. (2008). Adolescent school failure predicts depression among girls. *Journal of Adolescent Health*, 43(2), 180-187. <http://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2008.01.023>
- McConnell, M., & Moss, E. (2011). Attachment across the life span: Factors that contribute to stability and change. *Australian Journal of Educational & Developmental Psychology*, 11, 60-77. <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ960225.pdf>
- McEwen, C., & Flouri, E. (2009). Fathers' parenting, adverse life events, and adolescents' emotional and eating disorder symptoms: the role of emotion regulation. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 18, 206-216. <https://doi.org/10.1007/s00787-008-0719-3>
- McKee, L., Colletti, C., Rakow, A., Jones, D. J., & Forehand, R. (2008). Parenting and child externalizing behaviors: Are the associations specific or diffuse? *Aggression and Violent Behavior*, 13(3), 201-215. <http://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2008.03.005>
- Meer, van der M., Dixon, A., & Rose, D. (2008). Parent and child agreement on reports of problem behavior obtained from a screening questionnaire, the SDQ. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 17, 491-497. <https://doi.org/10.1007/s00787-008-0691-y>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood. Structure, dynamics, and change*. New York: Guilford Press.
- Mitchell, D. B., & Hauser-Cram, P. (2009). Early predictors of behavior problems. Two years after early intervention. *Journal of Early Intervention*, 32(1), 3-16. <https://doi.org/10.1177/1053815109349113>

- Moffitt, T. E., & Caspi, A. (2000). Comportamento anti-social persistente ao longo da vida e comportamento anti-social limitado à adolescência. Seus preditores e suas etiologias. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXX(1,2,3), 65-106.
- Moretti, M. M., & Peled, M. (2004). Adolescent-parent attachment: Bonds that support healthy development. *Paediatrics & Child Health*, 9(8), 551-555. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2724162/>
- Moriwaki, A., & Kamio, Y. (2014). Normative data and psychometric properties of the strengths and difficulties questionnaire among Japanese school-aged children. *Child & Adolescent Psychiatry & Mental Health*, 8(1), 1-12. <https://doi.org/10.1186/1753-2000-8-1>
- Muris, P. (2006). Freud was right... About the origins of abnormal behavior. *Journal of Child and Family Studies*, 15(1), 1-12. <https://doi.org/10.1007/s10826-005-9006-9>
- Muris, O., & Maas, A. (2004). Strengths and difficulties as correlates of attachment style in institutionalized and non-institutionalized children with below-average intellectual abilities. *Child Psychiatry and Human Development*, 34(4), 317-328. <https://doi.org/10.1023/B:CHUD.0000020682.55697.4f>
- Muris, P., Meesters, C., & van den Berg, S. (2003). Internalizing and externalizing problems as correlates of self-reported attachment style and perceived parental rearing in normal adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 12(2), 171-183. <https://doi.org/10.1023/A:1022858715598>
- Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Vieira, M. L., & Rubin, K. H. (2013). Externalizing and internalizing problems: contributions of attachment and parental practices. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 617-625. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000300022>
- Pehrsson, D., Allen, V., Folger, W., McMillen, P. S., & Lowe, I. (2007). Bibliotherapy with preadolescents experiencing divorce. *The Family Journal*, 15(4), 409-414. <https://doi.org/10.1177/1066480707305352>
- Razavi, M., Fatehizade, M., Etemadi, O., Abedi, M., Bahrami, & Sarami, G. (2013). Family functioning and internalizing and externalizing disorders in children: Examining the quality of attachment as mediator and moderator. *Journal of American Science*, 9(6s), 113-121. <https://doi.org/10.7537/marsjas0906s13.17>
- Richter, J., Sagatun, A., Heyerdahl, S., Oppedal, B., & Røysamb, E. (2011). The Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) – Self-report. An analysis of its structure in a multiethnic urban adolescent sample. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry* 52(9), 1002-1011. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2011.02372.x>
- Rodríguez-Hernández, P. J., Betancort, M.P., Ramírez-Santana, G. M., García, R. Sanz-Álvarez, E., & Cuevas-Castresana, C. De (2012). Psychometric properties of the parent and teacher versions of the Strength and Difficulties Questionnaire (SDQ) in a Spanish sample. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 12(2), 265-279. <http://www.aepc.es/ijchp/articulos.php?coid=Espa%EF%BF%BDol&id=411>
- Roelofs, J., Onckels, L., & Muris, P. (2013). Attachment quality and psychopathological symptoms in clinical referred adolescents: The mediating role of early maladaptive schema. *Journal of Child and Families Studies*, 22(3), 377-385. <https://doi.org/10.1007/s10826-012-9589-x>
- Rutter, M. (2002). Nature, nurture, and development: From evangelism through science toward policy and practice. *Child Development*, 73(1), 1-21. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00388>
- Rutter, M. (2010). Significados múltiplos de uma perspectiva desenvolvimentista em psicopatologia. In A. C. Fonseca (Ed.), *Crianças e adolescentes. Uma abordagem multidisciplinar* (pp. 27-68). Coimbra: Almedina.
- Rutter, M., Kim-Cohen, J., & Maughan, B. (2006). Continuities and discontinuities in psychopathology between childhood and adult life. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47(3/4), 276-295. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2006.01614.x>
- Sameroff, A. J. (2010). A unified theory of development: A dialectic integration of nature and nurture. *Child Development*, 81(1), 6-22. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2009.01378.x>
- Sameroff, A. J. (2014). A dialectic integration of development for the study of psychopathology. In M. Lewis, & K. D. Rudolph (Eds.), *Handbook of developmental psychopathology*, 3th ed. New York: Springer.
- Santos, L. M., Queirós, F. C., Barreto, M. L., & Santos, D. N. (2016). Prevalence of behavior problems and associated factors in preschool children from the city of Salvador, state of Bahia, Brazil. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 38(1). <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2014-1596>
- Schechter, D. S., & Willheim, E. (2009). Disturbances of attachment and parental psychopathology in early childhood. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America*, 18(3), 665-686. <https://doi.org/10.1016/j.chc.2009.03.001>
- Sroufe, A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, 7(4), 349-367. <https://doi.org/10.1080/14616730500365928>
- Sroufe, A. (2009). The concept of development in developmental psychopathology. *Child Development Perspective*, 3(3), 178-183. <https://doi.org/10.1111/j.1750-8606.2009.00103x>
- Stallman, H. M., & Sanders, M. (2007). Family transitions triple P. The theoretical basis and development of a program for parents going through divorce. *Journal of Divorce & Remarriage*, 47(3), 133-153. https://doi.org/10.1300/J087v47n03_07

- Strecht, P. (2012). *Interiores*. 4ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Tambelli, R., Laghi, F., Odorisio, F., & Notari, V. (2012). Attachment relationships and internalizing and externalizing problems among Italian adolescents. *Children and Youth Services Review*, 34, 1465-1471. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2012.04.004>
- Van Dijken, S., Van der Veer, R., Van Ijzendoorn, M., & Kuipers, H.-J. (1998). Bowlby before Bowlby: The sources of an intellectual departure in psychoanalysis and psychology. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 34(3), 247-269. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1520-6696\(199822\)34:3<247::AID-JHBS2>3.0.CO;2-N](https://doi.org/10.1002/(SICI)1520-6696(199822)34:3<247::AID-JHBS2>3.0.CO;2-N)
- Wissink, I. B., Colonesi, C., Stams, G. J. J. M., Hovee, M., Asscher, J. J., Noom, M. J., Polderman, N., & Kellart-Knol, M. G. (2015). Validity and reliability of the attachment insecurity screening inventory (AISI) 2-5 years. *Child Indicators Research*, 9, 533-550. <https://doi.org/10.1007/s12187-015-9322-6>
- Woerner, W., Fleitlich-Bilyk, B., Martinussen, R., Fletcher, J., Cucchiaro, G., Dalgarrondo, P., Lui, M., & Tannock, R. (2004). The Strengths and Difficulties Questionnaire overseas: Evaluations and applications of the SDQ beyond Europe. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 13-II/47-II/54. <https://doi.org/10.1007/s00787-004-2008-0>
- Zimmermann, P. (2004). Attachment representations and characteristics of friendship relations during adolescence. *Journal of Experimental Child Psychology*, 88, 83-101. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2004.02.002>

Fecha de recepción: 6 de mayo de 2016.

Fecha de revisión: 31 de mayo de 2017.

Fecha de aceptación: 21 de junio de 2017.

Fecha de publicación: 1 de julio de 2017.